

O Evangelho de Tomé

Um caminho para Deus

© 2012 – Conhecimento Editorial Ltda

O Evangelho de Tomé

Um caminho para Deus

Nelci Silvério de Oliveira

Todos os direitos desta edição
reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 - Vila Teixeira Marques
CEP 13480-970 – Limeira – SP
Fone/Fax: 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais,
é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio – eletrônico ou mecânico,
inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de
gravação –, sem permissão, por escrito, do Editor.

Revisão:

Projeto Gráfico: Sérgio Carvalho

Ilustração da Capa: Banco de Imagens

ISBN 978-85-7618-270-2 – 1ª Edição - 2012

• Impresso no Brasil • Presita em Brazilo

Produzido no departamento gráfico da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
Fone: 19 3451-5440
e-mail: conhecimento@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Oliveira, Nelci Silvério de

O Evangelho de Tomé – um caminho para Deus /
Nelci Silvério de Oliveira. – Limeira, SP : Editora do
Conhecimento, 2012.

ISBN 978-85-7618-270-2

1. Evangelhos apócrifos 2. I. Título

12

CDD – 133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Evangelhos apócrifos : 133.9

Nelci Silvério de Oliveira

O Evangelho de Tomé

Um caminho para Deus

1ª edição
2012



Prefácio

O objetivo primordial de nossa estada neste Planeta é a busca de verticalidade. Ao mundo viemos e aqui estamos, a fim de que possamos criar condições necessárias e adequadas para que cada um de nós consiga desenvolver, em si mesmo, uma certa nostalgia das origens, a sede do universal, a saudade do Infinito...

Todos nós temos, dentro de nós mesmos, como sempre tivemos, esse sagrado teotropismo, que nos impele irresistivelmente à procura de Deus, assim como o girassol, heliotrópico pela sua própria natureza, sempre volta a sua face aos beijos do astro-rei. Porém, ao contrário dessa flor, cujo heliotropismo é automático, o teotropismo do homem é apenas potencial, vive nele de forma latente, cabendo, por isso mesmo, ao próprio homem despertá-lo e desenvolvê-lo e, na maioria dos casos, através de um esforço gigantesco, em termos de renúncia e desapego. Deus é eterna e objetivamente presente dentro do homem, mas o homem quase sempre está subjetivamente ausente de Deus. Daí, a grande e irrecusável tarefa do ser humano no mundo, no sentido de conscientizar-se dessa presença divina dentro de si mesmo. Trata-se de um esforço inteiramente individual, cuja realização se consegue pela autoiniciação.

A autoiniciação, no entanto, pressupõe uma catarse, uma purificação, uma limpeza, um saneamento moral muito difícil. Há

que se ter um método, um roteiro seguro e confiável, a ser fielmente seguido. Para nós, ocidentais, como temos dito em livros anteriores, o melhor e o mais satisfatório roteiro, sem dúvida, é o Sermão da Montanha, segundo Mateus, capítulos quinto, sexto e sétimo.

Por isso, é bom lembrarmos a essência do grande sermão do Cristo, em Jesus, que resumimos em vinte pontos.

Ao homem é necessário, portanto:

- Desapegar-se não só dos bens materiais como também dos prazeres típicos do ego;

- Desenvolver, a partir do coração, a humildade, a mansidão e a misericórdia;

- Cultuar a paz e pacificar-se a si mesmo;

- Sentir-se feliz quando injuriado, caluniado ou perseguido;

- Manter a alegria, mesmo no sofrimento ou na tribulação;

- Tornar-se um fator de preservação moral e uma fonte borbulhante de gozo espiritual, em todas as circunstâncias;

- Lucificar-se e irradiar a Luz Divina em benefício de tudo e de todos, desinteressadamente. Jamais esquecer essa luz, mesmo estando rodeado de trevas;

- Manter-se puro, ainda que no meio de todas as impurezas;

- Dizer somente a verdade, sejam quais forem as consequências;

- Amar incondicionalmente, inclusive os inimigos, bendizendo-os e orando por eles;

- Dar a outra face se necessário for;

- Ir no encalço da perfeição, mesmo nas condições mais desfavoráveis;

- Orar sempre, seja no prazer, seja na dor;

- Confiar somente no Infinito, mas sem desprezar qualquer finito;

- Buscar, em primeiro lugar, o Reino de Deus e sua harmonia, na esperança de que tudo o mais nos venha de acréscimo;

- Não julgar a ninguém, em qualquer hipótese;

- Fazer aos outros somente aquilo que gostaríamos que eles nos fizessem;

- Cultivar a ingenuidade da pomba e, ao mesmo tempo, a sagacidade da serpente;

- Ler sempre o Grande Sermão, meditando, introjetando e pondo em prática integralmente a sua mensagem; e

Em conclusão, ser inteiramente fiel à própria consciência, realizando, em si mesmo, o Espírito do Cristo.

Em termos genéricos, pelo visto, o que justifica o presente livro é a necessidade que o ser humano tem de ir no encalço do autoconhecimento, da autolibertação e da autorrealização de si mesmo. Especificamente, no entanto, pretendemos, ao abordar o *Evangelho de Tomé*, realizar, ainda, dois objetivos básicos, a saber:

1º) – Completar e complementar o conhecimento que adquirimos nos livros anteriores, quais sejam: O Sermão da Montanha, As Parábolas de Jesus e O Cristo em Jesus – Ensinamentos Essenciais; e

2º) – Mergulhar tanto quanto possível neste *Evangelho de Tomé*, a fim de recebermos as experiências e os eflúvios benéficos de sua alma iluminada, para que possamos beber o saudável néctar de vibrações superiores, que jorram ou derramam das páginas inspiradas deste precioso e quase desconhecido testamento.

Nós, por certo, conseguiremos atingir nossos propósitos, com a inspiração do Cristo!...

Introdução

Quem foi Tomé?

Bem pouco se sabe sobre Tomé! Sua biografia nem pode ser escrita, por causa da ausência quase total de dados disponíveis. Os *Evangelhos Canônicos* praticamente o ignoram, a não ser devido à sua incredulidade que, segundo João, Tomé havia manifestado, ao ser informado pelos outros apóstolos de que o Mestre tinha ressuscitado. João relata o episódio nos seguintes termos:

Ora, um dos doze, chamado o Gêmeo, não estava com eles quando veio Jesus. Disseram-lhe, pois, os outros discípulos: “Vimos o Senhor”. Ele, porém, lhes respondeu: “Se não vir nas mãos a marca dos cravos, se não meter o dedo no lugar dos cravos, e não lhe introduzir as mãos no lado, não acreditarei!

Passados oito dias, achavam-se os discípulos outra vez portas adentro, e Tomé com eles. Entrou Jesus, de portas fechadas, colocou-se no meio deles e disse: “A paz seja convosco”. Depois disse a Tomé: “Chega aqui teu dedo e vê minhas mãos, vem com tua mão e mete-a em meu lado; e não sejas descrente, mas crente.”

“Meu Senhor e meu Deus – disse-lhe Tomé.”

Disse-lhe Jesus: “Tens fé, porque me viste; bem-aventurados os que não viram e contudo tem fé.”

Quem foi Tomé?

Não há nenhuma dúvida de que Tomé seja um dos doze apóstolos. Seu nome figura no segundo grupo daqueles três grupos de quatro, conforme os Evangelhos (Mt 10, 2-4; Mc 3,16-19; Lc 6, 14-16; e At 1,13). Vejamos o texto de Marcos:

Os doze, que designou, são os seguintes: Simão, a quem pôs o sobrenome de Pedro; Tiago, filho de Zebedeu e João, irmão de Tiago, aos quais deu o nome de Boanerges, o que significa: filhos do trovão; e André; mais: Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé; Tiago, filho de Alfeu; Tadeu, Simão, o Zelador; e Judas Iscariotes, que o traiu.

Referências pessoais quanto a Tomé, entretanto, só aparecem no Evangelho de João, *primeiro*, quando, ao deixar a Galileia em busca da Judeia, em Betânia, para a ressurreição de Lázaro, Tomé afirma estar pronto para morrer nas mãos dos judeus (Jo 11,16); *segundo*, quando Jesus anuncia sua partida iminente para outras dimensões, Tomé se reconhece incapaz de saber qual seria o destino do Mestre (Jo 14,5); e *terceiro*, como já vimos, quando Tomé demonstra sua incredulidade acerca da ressurreição de Jesus (Jo 20, 24-29).

Quem foi Tomé?

A palavra Tomé, *Thomas*, em aramaico, *didymos*, em grego; quer dizer *gêmeo*. Não é, portanto, *nome próprio*. Seu nome verdadeiro era *Judas*, Judas, o “gêmeo”, para diferenciá-lo de outro apóstolo, que tinha o mesmo nome, o Judas Iscariotes.

Parece que após a ascensão de Jesus, Tomé foi pregar seu Evangelho no extremo Oriente. De acordo com a tradição, seu túmulo está localizado na cidade de Madras, no sul da Índia.

O Evangelho de Tomé

Aproximadamente em dezembro de 1945, em Nag Hamadi, norte do Egito, a uma distância de cem quilômetros do grande Templo sagrado de Lúxor, alguns *fellabs*, quer dizer, *campesinos* ou *agricultores*, entre as quais *Muhammad Ali*, estavam cavando a terra, em uma das margens do rio Nilo, à procura de *sabaque*, um fertilizante ou adubo natural, muito comum naquela região. Em dado momento, depararam-se com um jarro ou pote de barro, devidamente tampado ou fechado. Muhammad quebra o recipiente com uma picareta, na esperança de que o pote guardasse um rico tesouro. Ele pensava em ouro, certamente.

Era realmente um tesouro que estava ali, porém, tesouro arqueológico! Treze livros de papiro, manuscritos redigidos ou copiados entre os séculos II a IV de nossa era, em vários dialetos da língua copta, ou seja, variações do idioma grego falado no Egito daquele tempo.

Parte desse precioso material, cerca de 1.300 páginas de papiro, foi para o Museu Copta do Cairo, graças, sobretudo, aos ingentes esforços de seu diligente diretor, o senhor Togo Mina.

Atualmente, são 12 volumes encadernados em couro, por sinal, as mais antigas encadernações que se conhecem em todo o mundo.

Durante onze anos permaneceram guardados sem despertar a atenção e o interesse dos estudiosos. Mas, a partir de 1956, o interesse do mundo, finalmente, se despertou para o exame e o estudo desses antigos documentos. Especialistas de diversas áreas, como orientalistas, egiptólogos, filólogos, filósofos e teólogos, entre outros, passaram a se debruçar sobre as traduções que, desde então, foram surgindo. Apareceram, assim, os primeiros comentários.

De todos os textos encontrados, traduzidos e investigados, disponíveis em museus e bibliotecas do Egito, Inglaterra, Estados Unidos, França e Alemanha, principalmente, o que mais chama a atenção, o que mais se impõe, tendo em vista a organização, o método, a coerência e a profundidade, é, sem nenhuma dúvida, o Evangelho de Tomé.

Em nosso tempo carregado de incertezas e angústias, porém marcado por uma ânsia incontida de experiência e de realização espiritual, a recente descoberta desse Evangelho é, mais do que nunca, grata, oportuna e sumamente importante.

As nossas teologias cristãs e não-cristãs ainda hoje nos propõem uma redenção que vem de fora, seja por meio de ritos sagrados ou fórmulas mágicas, seja através da efusão de sangue de um homem inocente. Essas espécies de falsa redenção são típicas do paganismo e do judaísmo e foram enxertadas no cristianismo por Paulo de Tarso, Agostinho e, principalmente, Tomás de Aquino.

Ocorre, porém, que os Evangelhos, sobretudo o de Tomé, só conhecem a redenção que vem de dentro do homem, a redenção por intermédio do Cristo Interno, que é o caminho, a verdade e a vida. Ninguém pode ir ao encontro do Pai Celeste a não ser por meio do Cristo.

As igrejas cristãs, infelizmente, do Cristo só têm o nome, pois ignoram que a redenção do ser humano, isto é, o autocohecimento, a autolibertação e a autorrealização de si mesmo, somente são possíveis pela Mística do amor incondicional ao Pai e pela Ética do amor ao próximo, sem esperar nenhuma retribuição ou recompensa, vale dizer, pelo conhecimento e fidelidade à Paternidade Única de Deus, que se derrama lógica, natural e espontaneamente na fraternidade cósmica de todas as criaturas.

Por essas e outras razões, não há no Evangelho de Tomé, como vamos ver, nenhum indício de uma hierarquia eclesial, de uma hegemonia clerical. Não existe qualquer partido religioso preponderante ou que vise a manter o monopólio da verdade libertadora, que queira ser depositário exclusivo dos segredos e mistérios da salvação. Pelo contrário, a mensagem axial do Evangelho de Tomé nos diz que todos somos igualmente filhos de Deus e que, nessa qualidade, nem sequer precisamos de algum intermediário para retornarmos ao seio do Pai Celeste, a não ser, é claro, do Cristo Interno, ou seja, do Cristo Cósmico dentro de cada um de nós. Não há também nenhuma primazia do apóstolo Pedro, como nos mostra, por exemplo, o *logion* de número 114. Não consta nenhum poder conferido por Jesus aos apóstolos, no sentido de perdoar pecados alheios, pecados de outrem, como também não há nenhum dogma da transubstanciação.

Assim, o *Evangelho de Tomé* só trata do autoconhecimento do homem, visando à autolibertação e a autorrealização de si mesmo. A realização prática desse ideal superior consiste em se cumprir integralmente a Mística do primeiro mandamento, bem como a sua consequência imediata e necessária, que é a Ética do segundo mandamento!...

A estrutura formal do Evangelho de Tomé, como veremos, é constituída de 114 *logia*, textos, ditos ou sentenças. Algumas dessas sentenças se nos apresentam como sendo inteiramente herméticas, fechadas ou indecifráveis, muito misteriosas, principalmente as de número 7, 11, 15, 19, 29, 37, 108 e 114, ensejando, por isso mesmo, interpretações diversas, algumas, até mesmo, extravagantes!...

Uma das questões mais delicadas é certamente a da tradução. Seguiremos aqui a tradução de Huberto ROHDEN (*O Quinto Evangelho*. 2. Ed. S. Paulo: Alvorada), a que consideramos a mais confiável.

Logion 1) Quem descobrir o sentido destas palavras, não provará a morte.

Esta é uma frase típica de Tomé, que só podemos ver em seu Evangelho, não havendo nenhum paralelo com os evange-

listas canônicos, a não ser, excepcionalmente, em *João* (8,51), o mais místico deles: “Em verdade, em verdade, vos digo: se alguém guardar minha palavra, jamais verá a morte.”

Em épocas muito remotas, pelo menos 3.000 anos antes de nossa era, Krishna, grande profeta e homem cristificado por excelência, já havia chegado à mesmíssima conclusão. Afirma ele, no *Bhagavad Gita* (18, 71): “Aquele que põe a sua confiança nesta doutrina e a aceita com fé, aquele que possui sabedoria de lhe penetrar o sentido profundo e por ele orientar a sua vida – esse, após a morte, entrará na mais alta beatitude.”

“Quem descobrir o sentido destas palavras, não provará a morte.” De início, já se percebe aqui o caráter místico do *Evangelho de Tomé*.

“Não provará a morte.” Mas, que morte?

A palavra “morte” pode ser tomada, pelo menos em dois sentidos: físico e metafísico. Tomé a emprega, evidentemente, em sentido metafísico. Neste sentido, estar morto é estar subjetivamente ausente de Deus, significa manter uma ilusão separatista em relação ao Pai Celeste. Estar morto é ignorar a presença divina dentro de si mesmo, é permanecer na horizontalidade quantitativa do ego, é ser escravo da mente, é não ascender a verticalidade crística do Eu, por meio da metanoia ou transmentalização. Estar morto é permanecer na noosfera em vez de ingressar na Logosfera!...

Todos os livros sacros da humanidade abordam a questão da morte metafísica. Moisés, no Gênesis (2,7), nos dá notícia de uma advertência que o Cristo faz a Adão, nos seguintes termos: “Mas, da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres, terás que morrer.” Ora, Adão comeu dessa árvore e ainda viveu por muitos séculos, claro sinal de que o Gênesis não se referia ao fenômeno da morte biológica, da morte física, porém, da *morte metafísica* de Adão. Em se tratando do *Novo Testamento*, *Lucas* (15,32), ao formalizar a parábola do *Filho Pródigo*, mostra-nos que o pai, querendo justificar, perante o filho mais velho, a grande festa, que estava oferecendo ao filho mais novo, ao filho sem juízo e esbanjador, diz-lhe textualmente: “mas não podíamos deixar de celebrar um festim e alegrar-nos; porque teu irmão estava morto

e tornou a viver.” Morte metafísica, sem nenhuma dúvida! E, para finalizar, temos ainda o testemunho de Mateus (8, 21-22) naquele episódio em que um dos candidatos ao discipulado do Cristo, pede a Jesus: “Senhor, permite-me ir primeiro enterrar meu pai”, ao que o Mestre, severamente, respondeu: “Segue-me e deixa que os mortos enterrem seus mortos”.

Ao contrário da morte metafísica, a morte física do homem não é nenhum problema, é solução, pois é fator de evolução, é condição para uma vida muito mais rica, mais perfeita e mais abundante.

Logion 2) Quem procura, não cesse de procurar até achar; e, quando achar, será estupefato; e quando estupefato, ficará maravilhado – e então terá domínio sobre o Universo.

Quem procura, acha. É o que dizem os livros sagrados. Basta conferir, por exemplo, Mateus (7, 7-11) e Lucas (11, 9-13). Porém, existem muitas e imensas dificuldades. A busca não é nada fácil e exige obstinada perseverança e incansável continuidade, envolvendo diversas etapas a serem paulatinamente vencidas. *É procurar, encontrar, perturbar-se, admirar-se e encantar-se.*

“Quem procura, não cesse de procurar até achar...” Procurar até achar... Mas, o quê? Ora, o reino de Deus dentro de si mesmo!

A vida do ser humano é semelhante a uma roda girante. Na periferia da roda está todo o movimento, mas a força que o produz reside no eixo central, onde reina o mais completo repouso. *Quanto maior o movimento menor é a força, quanto maior é a força menor é o movimento.* Assim também se dá com o homem. Na periferia física, emocional e mental do seu ego, há muito movimento, agitação, impermanência, transitoriedade, decomposição, trevas e morte, porém, no centro de sua vida, no seu Eu, imobilidade, repouso, eternidade, força, luz e vida.

Quando alguém procura e, finalmente, acha o Emanuel, o Deus dentro de nós, fica assombrado e perplexo, depois maravilhado e boquiaberto e, então, terá perfeito domínio sobre todo o Universo.

Sócrates é um exemplo. Dizia ele, em espírito e verdade: O homem que se conhece a si mesmo conhece o Universo. Tem toda a razão.

Logion 3) Jesus disse: Se vossos guias vos disserem: o Reino está no céu, então as aves vos precederam; o Reino está no mar, então os peixes vos precederam. Mas, o Reino está dentro de vós, e também fora de vós. Se vos conhecerdes, sereis conhecidos e sabereis que sois filhos do Pai Vivo. Mas, se não vos conhecerdes, vivereis em pobreza, e vós mesmos sereis essa pobreza.

O reino de Deus é invisível, mas atua no mundo da visibilidade; é infinito, mas é a essência de todos os finitos; é pura qualidade, mas anima todas as quantidades. Ainda não percebemos tudo isso, porque nos deixamos hipnotizar pelos efeitos e não conseguimos ver a Causa Única Incausada e Causante de todos eles.

O homem veio ao mundo para o autoconhecimento, a autolibertação e a autorrealização de si mesmo. Como afirma Jean –Yves LÉLOUP (*O Evangelho de Tomé*. Trad. Petrópolis: Vozes, p. 54):

Conhecer-se, conhecer que se é conhecido, é também se descobrir gerado, filho do Vivente, chama do Fogo, filho do Vento. Não se conhecer é passar ao lado de si mesmo, é fracassar e permanecer na ilusão, é ser bafo, um sopro que se apaga, é ser ilusão.

Autoconhecer-se é despertar o reino de Deus dentro de si, é acender a Luz divina e pôr essa luz no alto do candelabro, para que possa ser irradiada, iluminando e beneficiando a todos. Esse despertar da consciência crística *dentro do homem*, pela mística divina, transborda naturalmente *para fora do homem*, pela Ética humana. Então, o reino de Deus, *que é de dentro*, torna-se também um reino de Deus *que é de fora*. A *Mística* se derrama em *Ética*, e o homem se transforma numa poderosa antena de captação do Infinito e de retransmissão desinteressada para todos os finitos.

Logion 4) Jesus disse: O homem idoso perguntará, nos seus dias, a uma criança de sete dias pelo lugar da vida – e ele viverá. Porque muitos primeiros serão últimos, e serão unificados.

Uma criança de *sete dias* acaba de chegar à vida individual, ela que vem da *vida universal*, ao passo que o homem idoso já está encerrando sua jornada individual, para regressar à vida universal. Ambos, porém, a criança e o velho, trazem dentro de si mesmos conhecimentos e experiências acumuladas durante incontáveis jornadas evolutivas. Como reconhece LELOUP (ob. cit, p. 55):

Nós somos velhos – há quem afirme que temos vários bilhões de anos em nossas células; no nosso paleocéfal, conservamos a memória da humanidade. O Evangelho segundo Tomé lembra ao homem idoso que deve interrogar a criança; com efeito, o verdadeiro conhecimento não é acumulação de saberes, mas limpidez no olhar – inocência do coração.

De fato, conhecimentos acumulados não passam de quantidades finitas e, por isso mesmo, ainda que sejam somados e multiplicados, continuarão sempre finitos e, na melhor das hipóteses, terminam na sepultura. O verdadeiro saber, no entanto, aquele que o homem sabe porque saboreia, porque toma o sabor por si próprio, sem nenhum intermediário, é puríssima qualidade e é eterno, razão porque pode até mesmo ser contemplado nos olhos de uma criança de sete dias.

A vida eterna é una, é sem princípio e sem fim. Em seu reino qualitativo de eternidade, não há primeiros nem últimos. Os primeiros e os últimos, os últimos e os primeiros, só podem existir numa medida duracional de tempo, em dimensões espaço-temporais, como esta em que atualmente vivemos, em busca de tensões e tentações, isto é, de resistência na matéria, em busca de experiência evolutiva.

Sobre a questão da possibilidade dos primeiros serem últimos e os últimos serem primeiros, confirmam Mateus 19,30; 20,16; Marcos 10,31 e Lucas 13,20.

De qualquer modo, é bom frisar que a necessidade do ho-

mem se encarnar no corpo físico não tem nenhum caráter punitivo, mas, fundamentalmente, evolutivo. Nem mesmo aquelas reencarnações reparadoras ou expiatórias desmentem o que acabamos de dizer. O fato é que estamos no mundo para evoluirmos espiritualmente, seja pelo amor ou seja pela dor. A evolução pelo amor é um bem e é o ideal; porém, se, temporariamente, não for possível, então aparece a dor, como mal necessário!...

Logion 5) Disse Jesus: Conhece o que está ante teus olhos – e o que te é oculto te será revelado; porque nada é oculto que não seja manifestado.

Os Evangelhos sinóticos, cada um a seu modo, abordaram também a presente questão (Mt 10,26; Mc 4,22 e Lc 8, 17. 12,2).

Trata-se do conhecer. Que é conhecer?

O homem profano, ainda que seja um cientista, um filósofo ou um teólogo, mesmo vendo aquilo que se acha ante os seus olhos, em sua frente, ele não o conhece.

Suponhamos, por exemplo que um botânico encontre uma árvore desconhecida. Usando sua inteligência analítica, por meio de estudos e observações, ele descobre as relações que há entre essa árvore e um conjunto maior, o gênero, ao qual a referida árvore pertence. Então, ao encontrar a família botânica da qual aquela árvore faz parte, ele afirma que, finalmente, a conhece. Esse tipo de conhecimento, no entanto, conhecimento intelectual-científico, é inteiramente relativo e, por isso mesmo, não pode nos revelar o que é oculto. Se o cientista pudesse descobrir o todo último a que pertencem não somente a árvore, mas também o próprio gênero da árvore, se ele pudesse entrar em contato com a Causa Única e Essencial de todos os efeitos múltiplos e existenciais, teria, então, um conhecimento absoluto e perfeito da árvore, capaz de lhe mostrar o que é oculto, até mesmo o autor da árvore. Conhecer uma árvore em sua aparência visível, bem como em seus elementos químicos, como, ferro, cálcio, fosfato, iodo, hidrogênio, oxigênio e azoto, é uma grande ilusão, pois a árvore é, antes de tudo, um ser vivo, e a vida da árvore não é nenhum dos 92 elementos da química, nem mesmo

a soma total de todos eles. Tudo isso é quantidade, enquanto a vida é pura qualidade. O todo não é a soma quantitativa de suas partes constitutivas fundamentais, o todo – repetimos – é puríssima qualidade, não é quantidade.

Por tudo isso, é preciso dizer que o conhecimento verdadeiro, apto a revelar o que é oculto, não é possível nem pela via dos sentidos nem pelos caminhos da inteligência analítica. Somente a intuição qualitativa e crítica do Eu, própria dos iniciados, desenvolvida através da metanoia ou transmentalização, é que lhe dá acesso.

Conhecer é ser. Somente os homens cristificados podem conhecer a Verdade Libertadora!...

Logion 6) Perguntaram os discípulos a Jesus: Queres que jejuemos? Como devemos orar? Como dar esmola? E quais os alimentos que devemos tomar? Respondeu Jesus: Não mintais a vós mesmos, e não façais o que é odioso! Porquanto todas estas coisas são manifestas diante do céu. Não há nada oculto que não seja manifestado, e não há nada velado que, por fim, não seja revelado.

Jejum, oração e esmola. Além do sacrifício de animais, o jejum, a oração e a esmola eram os três elementos fundamentais do culto judaico (Cf. Mt 6, 2.7.16; Lc 6,31).

A pergunta que os discípulos fazem a Jesus é como proceder corretamente nessas questões, ou seja, é como fazer. Querem saber também o que poderiam comer.

Eles querem saber o como, mas o Mestre lhes fala do porquê e do para quê, isto é, da justificação e da finalidade de todas essas possíveis ações.

Tudo quanto fazemos ou deixamos de fazer, jejuar, orar, dar esmola, comer ou qualquer outra coisa, terá algum valor ou não, dependendo unicamente da nossa atitude interna. O que vale, o que realmente importa é o ser, não é o fazer. O fazer não passa de uma simples consequência. O agir segue o ser, não o contrário. Se conseguirmos retificar o ser, tornando-o melhor do que já era, retificado estará automaticamente todo o nosso agir, todo o nosso fazer.